

ARTIGOS



CEP em *Selfie*

Abordando *Sexting* com Adolescentes como Forma de Exposição Virtual da Sexualidade

Leonardo das Neves LEAL, *Universidade Federal do Rio Grande*

Graziela Silva RODRIGUES, *Universidade Federal do Rio Grande*

Isadora Deamici da SILVEIRA, *Universidade Federal do Rio Grande*

Tainá Valente AMARO, *Universidade Federal do Rio Grande*

Daniela Barsotti SANTOS, *Universidade Federal do Rio Grande*

Simone dos Santos PALUDO, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Este artigo objetiva relatar e refletir sobre intervenções feitas pelo Centro de Estudos Psicológicos (CEP-RUA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) acerca do compartilhamento de fotos com conteúdo sexual – sexting – entre adolescentes, a fim de colaborar com o desenvolvimento saudável desse público. Foram realizadas três intervenções no município entre os anos de 2014 e 2015, a primeira numa escola privada com cerca de 100 estudantes que estavam entre o 7º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, a segunda na zona rural da cidade com 25 participantes sendo eles adolescentes e responsáveis atendidos pela a equipe do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) da área, a terceira foi feita com 120 adolescentes participantes de um projeto social. Para abordar a temática usou-se dinâmicas grupais, contextualizando a necessidade humana de se autorretratar, a exposição da sexualidade durante diferentes contextos históricos e com diferentes ferramentas, da arte à utilização de dispositivos eletrônicos como celulares, câmeras digitais e computadores. Além disso fez-se a apresentação dos dispositivos legais para proteção e acolhimento da vítima em casos de exposição indevida da imagem, principalmente disposições do Estatuto da Criança e do Adolescentes sobre direito a imagem e punição em caso do denunciado ter também até 18 anos incompletos. As intervenções revelaram que a maioria dos adolescentes já tinham conhecimentos prévios sobre o assunto, embora desconhecem-se o termo sexting, também predominou a culpabilização das vítimas quando se tratava de mulheres expostas. Afirmou-se a necessidade de investir na abordagem multidisciplinar da educação para sexualidade com intuito de desmistificar e desconstruir alguns tabus sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: *Sexting*. Exposição Virtual. Adolescência. Sexualidade.



Introdução

O presente artigo tem como objetivo relatar e refletir as experiências adquiridas nas intervenções realizadas, pelo Centro de Estudos Psicológicos (CEP-RUA) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em que se abordou uma prática que emerge frente à acessibilidade de aparelhos com câmeras e à conectividade com a internet – a divulgação de conteúdo sexual e pessoal nas redes. Esses processos quando incorporados ao cotidiano das pessoas tem o potencial de reconfigurar inúmeros aspectos psicológicos e sociais, em especial, quando atrelados à sexualidade.

Em 2014, o CEP-RUA foi procurado pela equipe pedagógica de uma escola formada por uma cooperativa educacional da cidade do Rio Grande - RS. Na ocasião, havia a preocupação com a repercussão de um vídeo com conteúdo sexual de uma adolescente que frequentava outra escola da região. Nesse sentido, o interesse pela temática foi motivado por esse convite cuja finalidade era levar às turmas da escola a discussão sobre compartilhamento, alcance e consequências de momentos íntimos na web. Como a equipe não possuía conhecimentos teóricos específicos acerca do tópico, passou a pesquisar e, com isso, encontrou o termo *sexting* para se referir a questão.

O *sexting* é a junção do termo sex (sexo, em inglês) e *texting* (traduzido livremente, como conversar por mensagens escrita via celular com alguém), e refere-se ao recebimento e ao envio de mensagens, vídeos ou fotos com conteúdos sexuais, podendo conter nudez (ou próximo disso) a fim de provocar sexualmente o (a) parceiro (a), sendo transmitido e recebido por meio de diferentes dispositivos tecnológicos (LENHART, 2009; AGUSTINA, GOMEZ-DURAN, 2012; BARROS, 2014).

Em seguida, a estruturação da abordagem sobre a exposição de risco da sexualidade no espaço virtual foi pensada, levando em consideração que, segundo Barros (2013, 2014), quando a sexualidade é discutida no contexto escolar, isso se dá de forma fragmentada, geralmente por profissionais convidados, em disciplinas como ciências ou biologia, enfatizando as patologias e a morte, conseqüentemente, negligencia-se a sexualidade como fonte de vivenciar prazeres e desejos. A proposta visava falar sobre promoção da sexualidade de modo saudável, logo não deveria ser percebida como moralista e higienista.



Dessa forma, as discussões visavam não só problematizar e conscientizar sobre o *sexting*, como também promover a informações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e os mecanismos de proteção e legislação em relação à imagem e aos sujeitos violados, de modo a evitar que essa prática se torne uma forma de violência, como o compartilhamento de momentos, mensagens ou imagens privadas sem autorização de terceiros, a qual pode desencadear sofrimento psicossocial aos envolvidos.

Referencial Teórico

Para tornar claro a abordagem utilizada, é preciso delinear teoricamente conceitos chaves que sustentam as atividades do grupo. Inicialmente, a sexualidade é entendida como um conceito sócio e historicamente construído, uma vez que ela abarca as sensações corporais relacionadas ao prazer sexual; os discursos sobre tais percepções; e as normas de permissão e interdição da experiência ou ato que provoca a sensação. Nesse sentido, as pessoas apreendem por meio da cultura modelos de possibilidades e limites de como relacionar-se com seu próprio corpo e o de outras pessoas, bem como a valorização e desvalorização de condutas sexuais. O sexo, a sexualidade, as normas culturais, a corporeidade e as relações de gênero podem ser compreendidos como partes integrantes de um caleidoscópio que configuram diferentes arranjos ao longo do tempo e espaço (VILLELA, ARILHA, 2003).

A transformação e a incorporação das novas tecnologias permitem que os meios de comunicação e, também as redes sociais, as quais tem como elemento constitutivo o compartilhamento de fotos, moldem as subjetividades, por meio da interação e conexão com outros e do dinamismo dessas relações (ANDRIJIC, 2013; CORDOVA, JESUS, 2015). Segundo Cordova e Jesus (2015), as mudanças sociais e tecnológicas modificaram as relações entre os sujeitos e as fotografias, assim como o conceito de privacidade. Nessa nova configuração, os registros da imagem são voltados para a instantaneidade do presente e da expressão do indivíduo, o foco das atenções dessas capturas reside nas relações do cotidiano e/ou banalidade do sujeito.

Ante a essas novidades, amplia-se o poder do indivíduo e a sensação de autonomia e segurança, possibilitando assim, que os indivíduos experimentem o paradoxo de estar sozinho e, ao mesmo



tempo, acompanhado por meio da conectividade (ANDRIJIC, 2013). Portanto, o envio de mensagens, vídeos e imagens eróticas por meio de ferramentas de compartilhamentos consiste em uma das possibilidades de vivenciar a experiência erótica de intimidade e confiança com um parceiro, é uma interface da sexualidade na contemporaneidade.

Diante disso, a comunicação por mensagens de texto ocupa um papel na vida social dos adolescentes e, por esse motivo, responsáveis e educadores têm se preocupado em entender o papel dos aparelhos celulares na vida sexual de adolescentes e jovens adultos (LENHART, 2009). O *sexting* enquanto fenômeno contemporâneo passa a ser rapidamente mutável meio a malha de indivíduos interligados, entendidos como nativos digitais, que, segundo Prensky (2001) trabalham melhor dessa forma, neste ciberespaço onde as informações são recebidas rapidamente.

Importante salientar que ainda há dificuldade na definição do termo *sexting*, visto seu caráter polissêmico, como foi apontado em diferentes pesquisas realizadas. Strassberg, Rullo e Mackaronis (2014) relatam que essa falta de homogeneidade da definição constitui uma dificuldade metodológica e pode causar uma má percepção e compreensão do público. No entanto, as definições de *sexting* apresentam elementos semelhantes, todas as conceitualizações convergem e se assemelham no que diz respeito a divulgação, que pode ser o envio de fotos e vídeos, postagem online ou encaminhamento das mesmas. O conteúdo pode variar, uma vez que pode ser sexualmente sugestivo, próximo do nu, nu ou até mesmo explícito. Poucas pesquisas se preocupam em entender quem é o autor das fotos (LOUNSBURY, MITCHELL, FINKELHOR, 2011), contudo indicam que o destinatário pode envolver amigos ou namorado/namorada. Tal conteúdo pode ser distribuído para outros através das conexões e das possibilidades que existem no celular. Augustina e Gomez-Durán (2012) ampliaram as definições de *sexting* encontradas, sugerindo que o conteúdo pode conter poses provocativas ou inapropriadas, imagens sexuais ou retratando os genitais, nádegas e seios e quando as imagens envolverem menores de 17 anos completos trata-se de pornografia infantil.

Segundo Lenhart (2009), jovens cujos celulares tem maior influência sobre suas vidas são mais prováveis de enviar ou receber imagens e mensagens sexualmente sugestivas. Nesse sentido, as motivações e contextos do *sexting* variam significativamente, podendo envolver desde uma interação entre casal, sendo a troca de imagens



elementos da vida sexual desses, uma fase experimental para aqueles adolescentes que ainda não tiveram sua primeira experiência sexual ou ainda uma forma de aproximação e sedução de um (a) parceiro (a) sexual. O compartilhamento de conteúdo sexualmente sugestivo tem o potencial de ser caracterizado como forma de interação nos relacionamentos contemporâneos. Contudo, para os adolescentes que participaram do estudo conduzido por Lenhart (2009) a percepção sobre *sexting* variou significativamente daqueles que não pensam que *sexting* seja uma questão relevante, os que pensam que seja uma alternativa segura para a vida sexual real até os que pensam ser inapropriados, pejorativos e potencialmente danosos ou ilegal, sendo que uma parte desses adolescentes evitam essa prática, pois estão preocupados com a legalidade e a possibilidade de interceptação dessas imagens.

Na atualidade e, especialmente, no ciberespaço, as fronteiras entre o público e o privado, encontram-se bastante difusas, por isso, a dificuldade em pontuar o início e término de cada um. No entanto, o público pode ser descrito como o qual – originalmente - tem como objetivo ser visível e observável, o que está aberto para que todos vejam, enquanto o privado, é o que objetiva manter-se escondido ou reservado dos outros, o que é executado em segredo ou com o conhecimento de poucas pessoas (THOMPSON, 2002). Entende-se que mesmo que essas imagens íntimas/eróticas perpassem o ciberespaço e que possam ser interceptadas por qualquer pessoa, há a intencionalidade de privacidade. Quando tais conteúdos são expostos e difundidos para outros públicos, fora do contexto original de produção do *sexting*, há a exposição da pessoa e a avaliação e condenação moral por parte de outras e prejuízos psicossociais a esses sujeitos.

Paralelo a isso, a interceptação desses conteúdos íntimos configura-se como violação dos direitos desse sujeito, pois, tendo em vista que, igualmente à saúde e à liberdade, a sexualidade também é um direito fundamental do ser humano, por esse motivo está regulamentado dentro da Constituição de Direitos Humano (DH). Já para o Ministério da Saúde (MS) os Direitos Sexuais são fatores de saúde pública, dado que os sujeitos têm “Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições e com respeito pleno pelo corpo do (a) parceiro (a)” (DEFENSORIA PÚBLICA, 2013, p. 4). Assim como a apresentação de informações para a autoproteção e conhecimento dos locais que oferecem suporte que abranjam os direitos



sexuais de todos em vivenciar sua sexualidade sem julgamentos ou exposição.

A Saúde Sexual necessita de uma abordagem positiva e respeitosa da sexualidade, que permita uma experimentação sexual prazerosa e segura, livre de coerção, discriminação e violência (GIAMI, 2009); e que a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a Saúde Sexual como o estado de bem-estar físico, mental e social pertinente à sexualidade, e não apenas a ausência de doença. Com isso, entende-se a emergência de se discernir a liberdade de vivenciar e “compartilhar” a sexualidade com consciência e respeito sobre a sua imagem e a do outro, dos espaços públicos e privados (JIMENEZ, ASSIS, NEVES, 2015).

A proposta de intervenção do CEP-RUA sob a temática do *sexting* buscou contemplar tais princípios desde sua elaboração já na primeira atividade desenvolvida. Neste relato de experiência estão descritas as intervenções realizadas sobre a temática *sexting*.

Metodologia

A primeira atividade de extensão foi realizada com cerca de 100 alunos entre o 7^o ano do Ensino Fundamental e o 3^o ano do Ensino Médio em novembro do ano de 2014. Tendo em vista que o público alvo era composto por adolescentes privilegiou-se formas interativas para abordar o tema, como por exemplo, uso de vídeos, imagens e dinâmicas ou oficinas de grupo, para um melhor aproveitamento da atividade. Primeiramente, a proposta foi de integração e “quebra-gelo”, a qual durou cerca de dez minutos. Para isso, os extensionistas faziam algumas perguntas, que objetivavam compreender quantos deles já haviam postado fotos na internet e se já haviam recebido, mandado ou armazenado fotos íntimas de terceiros, dessa forma, deveriam se deslocar para pontos diferentes da sala, sendo de um lado da sala quem já havia experimentado alguma das experiências questionadas e do outro quem não havia praticado. Os extensionistas, além de coordenar a atividade, também participaram ativamente de modo que se estabelecesse um ambiente amistoso e menos crítico.

Em um segundo momento, foram discutidos e contextualizados (auto) retratos famosos no passado e na contemporaneidade. Dessa forma, utilizou-se o quadro *Self Portrait as a Tehuana*, (1943), autorretrato de autoria da artista mexicana Frida Kahlo. Buscou-se gerar



a compreensão de que por trás de qualquer manifestação criativa – independente do período histórico que se refira-, existe o desejo de expressar alguma emoção, sentimento ou pensamento. Em seguida, ainda na óptica das representações artísticas, fez-se uma breve análise da imagem “O Nascimento de Vênus” (1484-1486) de Sandro Botticelli, a fim de referir que a relação dos indivíduos com a nudez, o corpo e a exposição varia conforme a compreensão da cultura sobre esses elementos, tratando-se da sexualidade como construção social, cultural e histórica.

Este momento foi concluído tecendo a discussão com a exposição na contemporaneidade, apresentando a discussão sobre *selfies* (estilo de fotos, usualmente registradas pela própria pessoa, por meio de câmera digital de mão ou celular com câmera, e compartilhada na rede). Essa modalidade fotográfica tem se inserido tanto à realidade off-line que o termo (*selfie*), além de ser significativamente conhecido, foi dicionarizado e em 2013, o dicionário do Reino Unido, Oxford University Press, elegeu-o como a palavra do ano (ABDALA, 2014; CORDOVA, JESUS, 2015).

Para enriquecer a discussão sobre *selfie* e exposição virtual, utilizou-se o caso de exposição virtual da atriz Jennifer Lawrence, famosa entre os adolescentes, a qual teve fotos íntimas postadas na web sem sua autorização. E apresentado dois vídeos sobre o alcance e a perenidade dos conteúdos postados na web e o uso sem autorização de imagens de terceiros para produção de material pornográfico, um deles produzido pela *National Center For Missing & Exploited Children* e outro pelas *Secretaría Nacional de Tecnologías de la Información y Comunicación* e *Secretaría Nacional de la Niñez y la Adolescencia do Paraguai*. Esse bloco de atividades durou cerca de 20 minutos.

No terceiro momento, foi proposta uma atividade de “verdadeiro ou falso”, a qual ocorreu em aproximadamente 30 minutos, com objetivo de verificar e proporcionar maior entendimento dos adolescentes sobre a legalidade do compartilhamento de conteúdo íntimo, entrelaçando-se questões do cotidiano com o ECA, os jovens participaram ativamente dessa tarefa, onde foram separados em grupos de cinco ou seis pessoas e deveriam discutir, entre si, se a sentença era verdadeira ou não.

Algumas das leis foram apresentadas e explicadas. Foram discutidas a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, que dispõe do ECA, as definições de criança (pessoa até doze anos de idade incompletos) e



adolescentes (entre 12 e 18 anos). O seu objetivo de assegurar todos os direitos e deveres da criança e do adolescente, com a finalidade de promover o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Além disso, discutiu-se sobre o artigo 17 do Estatuto que prevê o direito “(...) a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (BRASIL, lei 8.069/1990, art. 17, p. 3). E frente às novas demandas sociais, a lei 11.829 de 2008, que altera a primeira para aprimorar o combate à produção, à venda e à distribuição de pornografia infantil, bem como criminalizar a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet.

Como conclusão desta atividade, foi apresentada a Lei Carolina Dieckmann (Lei nº. 12.737/12, art. 154-a do Código Penal), conhecida por esse nome, após a atriz com mesmo nome ter seu computador invadido e sua intimidade exposta na internet. Também foi apresentado o *Safernet* (www.safernet.org.br), página na web que recebe denúncias anônimas, de infrações aos Direitos Humanos no ciberespaço, e desenvolve projetos voltados, principalmente, ao combate da pornografia infantil na rede, a fim de ajudar no suporte de vítimas no ciberespaço.

No ano seguinte, realizou-se uma segunda intervenção por convite do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município. Interessante destacar que essa segunda intervenção precisou ser adaptada, uma vez que envolveu adultos (pais e responsáveis) e seus filhos adolescentes, e aconteceu em uma região afastada do centro do município, onde o acesso as novas tecnologias ainda não é tão usual devido à baixa renda dos seus moradores. Considerando o novo público alvo foram escolhidos novos vídeos e novas afirmativas. O diferencial da abordagem nessa ocasião se deu pela diminuição das discussões sobre arte e nudez e o acréscimo de um videoclipe de uma banda sertaneja cujo enredo da música se referia ao pornô de revanche, ou seja, um caso de um ex-parceiro que frente ao término da relação expôs a sua ex-parceira na internet. Tais ajustes foram feitos considerando a realidade e os interesses locais. No que diz respeito as afirmativas utilizadas na atividade de verdadeiro e falso foram incluídas frases sobre o papel dos pais e/ou cuidadores no cuidado e na prevenção da exposição de seus



filhos. No total, a atividade contou com a presença de 25 pessoas e foi realizada no salão de uma igreja da comunidade.

Em agosto de 2015 um novo convite surgiu para replicar a intervenção sobre *sexting* realizada com adolescentes na primeira escola atendida. Como o convite surgiu de um projeto social que oferece cursos profissionalizantes a adolescentes em situação de vulnerabilidade social foi mantida a estrutura inicial da atividade (atividades de integração e quebra-gelo, apresentação de auto-retratos e *selfie*, verdadeiro e falso, discussão da Lei nº. 12.737/12 e da *Safernet*). A intervenção foi desenvolvida com cerca de 120 estudantes e 6 professores na sede do projeto.

Em todas as extensões realizadas, como conclusão da atividade, os estudantes eram convidados para registrar o momento com uma *selfie* junto aos extensionistas, como forma de reafirmar que essa prática de registrar os vários momentos de suas vidas é algo comum entre eles, elemento constitutivo da sociedade contemporânea, e não necessariamente uma prática nociva ou indevida. No entanto, compartilhar os momentos de intimidade – seja do próprio indivíduo ou terceiros –, poderia acarretar em consequências negativas para eles, pois há inúmeros casos de exposição indevida de pessoas. A todo momento foi pontuado que eles tinham direitos sobre sua imagem, seus corpos e sua sexualidade. Ao término da atividade, o grupo CEP-Rua nomeou o projeto de “CEP em Selfie”.

Considerações Finais

As experiências derivadas das intervenções revelaram que todos os adolescentes pareciam saber ou, pelo menos, em algum momento já haviam tido conhecimento sobre assunto abordado, embora não tivessem conhecimento sobre o termo *sexting*. Foi percebida a desinformação sobre a ilegalidade (e a possibilidade de punição ainda na adolescência) de divulgar e armazenar conteúdos privados sem autorização dos envolvidos e de menores de idade, talvez por envolver uma prática naturalizada do cotidiano, assim como foi identificada a falta de conhecimento sobre as redes e as legislações proteção das vítimas existente. Essa falta de informação também foi percebida entre os professores e os pais e/ou responsáveis participantes das intervenções, revelando a necessidade de discutir esse tema não apenas



com os adolescentes, mas com aqueles que podem ajudar na proteção e na orientação.

Outro aspecto a ser destacado na experiência foi o discurso predominante de culpabilização da vítima (inclusive a contestação do termo “vítima” para quem é exposto). Vários adolescentes participantes das intervenções questionaram os motivos para identificar alguém como vítima quando, para eles, quem tem sua intimidade exposta colaborou de alguma forma para que isso ocorresse e “sabia” das consequências. Essa observação vai ao encontro dos resultados encontrados na pesquisa de Lenhart (2009), que constatou que os adolescentes compreendem imagens oriundas do *sexting*, em especial imagens de meninas, como inapropriadas e julgam as pessoas que são retratadas nelas. De forma contrária, durante as três intervenções realizadas pela equipe, os discursos predominantes colocaram as meninas adolescentes mais expostas a situações de violência moral e psicológica, ao mesmo tempo, que também foram responsabilizadas pela produção das imagens.

Essa avaliação pode estar refletindo a assimetria de poder nas relações de gênero, sendo esse conceito, um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre sexos e também um modo primário de significar relações de poder (SCOTT, 1996), sobretudo no que se refere à vivência da sexualidade. Esse duplo padrão sexual faz com que a vivência da sexualidade e do prazer sexual feminino sejam ainda questionados socialmente, principalmente quando essa experiência não ocorre na idade adulta e no âmbito de relacionamentos afetivo-sexuais estáveis e monogâmicos como o casamento. Tendo em vista que o *sexting* surge meio às relações de poder atribuído aos papéis de gênero, em que as mulheres devem ter atitudes de castidade e os homens devem provar sua masculinidade, mesmo sem que a maturidade biológica e psicológica para o exercício da sexualidade estejam em equilíbrio (TAQUETTE, 2008).

Com os processos tecnológicos ocorridos no século XX, a sociedade atual se encontra em um processo, já iniciado, de transição do mundo analógico rumo a um mundo cada vez mais imagético e digital. As subjetividades têm sido impactadas pelas novidades tecnológicas, no presente, há o papel de representar a instantaneidade, evidencia-se isso, com o maciço uso de recursos digitais de capturas de imagens, as fotos são registradas, visualizadas, expostas em redes sociais (CORDOVA, JESUS, 2015). Para que os adolescentes compreendessem o alcance e o impacto das redes na vida das pessoas ao final das intervenções os jovens



eram convidados a tirar uma *selfie* com os extensionistas. A ideia também era reforçar o caráter não moralista da atividade ao sugerir que as imagens podem ser feitas e compartilhadas. Para tanto, a foto foi publicada na página do Facebook do CEP-Rua da FURG e foi visualizada por 4.374 pessoas, teve 49 compartilhamentos e chegou a pessoas que estavam na Europa e na África apenas 15 horas após a foto ter sido publicada. Dessa forma, pode-se informar aos jovens, de forma mais concreta, o poder de alcance e a falta de controle que se tem sobre as imagens compartilhadas na rede. O uso das novas tecnologias impacta a vida das pessoas em todas as esferas e o exercício da sexualidade também é impactado por essas questões.

A consciência sobre a sexualidade é fator importante para o desenvolvimento da identidade, a qual impacta diretamente a autoimagem e os relacionamentos interpessoais (PAPALIA, FELDMAN, 2013). A sexualidade, segundo Bock (2008), enquanto um processo biopsicossocial, emerge com maior vigor na adolescência, desestabiliza cuidadores e educadores, não somente pela questão da iniciação sexual ou identidade sexual, mas também pelas efemeridades das relações ou dos relacionamentos virtuais – ou iniciados na virtualidade. Dessa forma pode originar práticas educativas, por vezes, insuficientes para orientação do exercício saudável da sexualidade, logo, a necessidade de investir na abordagem multidisciplinar da educação para sexualidade na contemporaneidade. Portanto, é fundamental que os professores, os pais e/ou responsáveis sejam incluídos nas intervenções a fim de que possam compreender a sexualidade diante das novas tecnologias e construir estratégias mais eficazes para a prevenção e cuidado.

O trabalho com a temática *sexting* é desafiador, não só por envolver a sexualidade, os adolescentes e as novas tecnologias, mas também pelo fato dos materiais teóricos disponíveis em língua portuguesa serem escassos. A literatura predominante é em língua inglesa, o que já constitui uma barreira para a maior parte da população. Além disso, os artigos e as pesquisas traduzem a realidade norte-americana que nem sempre retrata as vivências e a cultura imbricada a sexualidade dos brasileiros. Como a sexualidade está atrelada a cultura e a aspectos sociais é necessário compreender como esse fenômeno ocorre no Brasil, a fim de colaborar com o desenvolvimento saudável dos adolescentes contemporâneos, compreendidos como nativos digitais, por estarem imersos em todos esses aparatos tecnológicos. Nesse sentido, estabelece-se o desafio de discutir e manter um olhar “neutro” acerca de



um assunto tão próximo e naturalizado do cotidiano dos adolescentes (e não só desse grupo etário), por isso, é preciso investir em pesquisas e atividades orientadas para a sexualidade, de modo que os jovens se sintam compreendidos e a sexualidade seja origem de prazer e experiências positivas e não como forma de punição psicológica ou moral.

Referências

ABDALA, L. Panópticos da subjetividade: moda e cotidiano na web. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 7., 2014, Goiás. **Anais...** Goiânia: UFG, 2014, p. 202-210 Disponível em: < https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2_0_1_4_eixo1_18_panopticos_da_subjetividade_moda_e_cotidiano_na_web.pdf > Acesso em: 13 jul. 2016.

AGUSTINA, J. R.; GÓMEZ-DURÁN, E. L. Sexting: Research criteria of a globalized social phenomenon. **Archives of sexual behavior**, Nova Iorque, Vol. 41. p. 1325–1328, out 2012. Disponível em < <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10508-012-0038-0> > Acessado em: 12 agost. 2016.

ANDRIJIC, Nathalia S. Presente Compartilhado: a fotografia nas redes sociais como forma de comunicação e socialização atendendo a necessidades Revista **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. Vol. 6 São Paulo, n. 4, p. 1-24, jul-agost. 2013.

BARROS, S. C; RIBEIRO, P. R. C; QUADRADO, R. Q. Sexting: a espetacularização da sexualidade. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v.24, n.45, p. 197-215, 2014.

BARROS, Susana. C. Corpos, Gêneros e Sexualidades: Questões que integram o PPP. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v.1, n.1, p. 8, 2013.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. Sexualidade. In: **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008. Cap. 13, p. 196-203.



BRASIL. Lei 8.069, de 13 julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 16 jul. 1990.

CÓRDOVA, A.; JESUS, P. H. M. Selfie, Uma Expressão da Subjetividade. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO OESTE, 17; 2015, Mato Grosso do Sul. **Anais...** Campo Grande: UFSM, 2015. p. 1-14. Disponível em: < <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0491-1.pdf> > Acesso em: 13 jul. 2016.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Direitos sexuais e reprodutivos**: São Paulo, 2013. p 3-6. Disponível em: < <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/41/Direitos%20Sexuais%20e%20Reprodutivos.pdf> > Acessado em 25 jul. 2016.

GIAMI, Alain. Sexologia, Saúde Sexual, Direitos Sexuais, Medicina Sexual: um campo em movimento. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 20, n. 1, p. 10, 2009.

JESUS, P. H. M. **Clic! Selfie e a subjetividade do instante**. 2015. 14 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

JIMENEZ, L.; ASSIS, D A. D.; NEVES, R. G. Direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes: desafios para as políticas de saúde. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, Vol. 39., n .107, out-dez 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v39n107/0103-1104-sdeb-39-107-01092.pdf> > Acessado em: 10 de agost. 2016.

LENHART, A. Teens and Sexting: How and why minor teens are sending sexually suggestive nude or nearly nude images via text messaging. **Millennials**, Washington, D.C., dez. 2009. Disponível em: < http://www.ncdsv.org/images/pewinternet_teensandsexting_12-2009.pdf>. Acessado em: 21 jul. 2016.

LOUNSBURY, K.; MITCHELL, K. J.; FINKELHOR, D. The True Prevalence of “Sexting”. **Crimes Against Children Research Center**, New Hampshire, abr. 2011. Disponível em: <http://www.unh.edu/ccrc/pdf/Sexting%20Fact%20Sheet%204_29_11.pdf >. Acessado em: 19 jul. 2016.



PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PRENSKY, M.. Digital natives, digital immigrants. On The Orizon, **MCB University Press**, Brandford, v.9, n.5, out., 2001. Disponível em < <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> > Acessado em 18 jul, 2016.

SCOTT, Joan W. Gender: A useful category of historical analysis. In: (Ed.). **Feminism and history**: Oxford University Press, 1996

STRASSBERG, D. S.; RULLO, J. E.; MACKARONIS, J. E. The sending and receiving of sexually explicit cell phone photos (“Sexting”) while in high school: One college’s students’ retrospective reports. **Computers in Human Behavior**. n.41, p. 177-183, 2014

TAQUETTE, S. R. Sexualidade na Adolescência. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE (Org). **Saúde do Adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. p 205-212.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 12. ed. Petropolis: Editora Vozes, 2002.

VILELLA, W.; ARILHA, M. Sexualidade, Gênero e Direitos Sexuais e Reprodutivos. In: Berquó, E. **Sexo e Vida - Panorama da Saúde Reprodutiva no Brasil**. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, pp. 95-150, 2003.

**Leonardo das Neves LEAL**

Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, Colaborador do CEP-RUA/Furg.

Graziela Silva RODRIGUES

Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, Colaboradora do CEP-RUA/Furg.

Isadora Deamici da SILVEIRA

Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, Colaboradora do CEP-RUA/Furg.

Tainá Valente AMARO

Estudante do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande, Colaboradora do CEP-RUA/Furg.

Daniela Barsotti SANTOS

Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Simone dos Santos PALUDO

*Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Coordenadora do CEP-
RUA/Furg.*

Recebido em: 26/08/2016

Aprovado em: 09/05/2017